

UM ESTUDO SOBRE A ORIGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA: DO LATIM À  
CONTEMPORANEIDADE, CONTEXTO POÉTICO E SOCIAL

*A STUDY ABOUT THE ORIGIN OF THE PORTUGUESE LANGUAGE: THE LATIN TO  
CONTEMPORARY, CONTEXT AND POETIC SOCIAL*

*Cristiane Max Serra Vilas Boas\**  
*Elizete Dall'Comune Hunhoff\**

**RESUMO:** Neste artigo procuramos refletir sobre a Língua Portuguesa e a língua que lhe deu origem: o Latim. Aprofundamo-nos em conhecimentos sobre a evolução e o contexto histórico em que ocorreu e como ocorreu a mudança do Latim para o galego-português e, mais tarde: Língua Portuguesa. Nossa pesquisa é de cunho bibliográfico, referenciando autores dessa área, dentre eles destacamos: Paul Teyssier (1994), Ismael de Lima Coutinho (1976) e Celso Ferreira da Cunha (1986). Fizemos um recorte, constituindo um *corpus* com poemas contemporâneos que tratam o tema da comunicação e do uso linguístico como forma poética-reflexiva, pois tratam a temática como fonte inspiradora de arte com apontamentos ligados não somente à história, mas à existência humana. Vimos que, dentre os mais importantes meios interacionais, atualmente, no mundo, está a língua, porque sem ela não há comunicação plausível entre os povos. Consequentemente, de acordo com nossas reflexões, com o objeto analisado conseguimos ampliar sensivelmente nosso aprendizado linguístico e dos possíveis leitores que se aventurarem nesta leitura.

**Palavras-chave:** Latim; Língua Portuguesa; Literatura; Diacronia.

**ABSTRACT:** *This article, we seek to reflect on the origin of the Portuguese language and the language that gave up: the Latin. Deepen us knowledge about the evolution and historical contexts in which they occurred and how the change from Latin to Galician-Portuguese and later occurred: Portuguese. Our research has a bibliographic nature, referencing authors in this area, some of them include: Paul Teyssier (1994), Ismael Lima Coutinho (1976) and Celso Ferreira da Cunha (1986). We made a cut, constituting a corpus contemporary poems dealing with the theme of communication and language use as poetic-reflexive way, it demonstrates existential concerns in relation to the theme. We have seen that among the most important means of communication currently in the world, is the language, because without it there is no plausible communication between peoples. Consequently, according to our thoughts, to the analyzed object could substantially expand our linguistic and potential readers who venture this reading learning.*

**Keywords:** *Latin; Portuguese; Literature; Diachrony.*

## INTRODUÇÃO

Neste artigo procuramos refletir sobre a história da Língua Portuguesa a partir da língua que lhe deu origem, a Língua Latina. Assim, propusemos uma investigação que

---

\* Graduada em Letras. UNEMAT. *E-mail:* cris\_msvb@hotmail.com

\* Professora Adjunta, UNEMAT. Doutora em Letras. *E-mail:* elizetedh@hotmail.com

abordasse a evolução do Latim à Língua Portuguesa e as preocupações de pensadores e poetas no uso cotidiano do português, cujas mudanças continuam, com diferenças sensíveis do português europeu e do falado nos demais países lusófonos, também conferimos as formas implícitas de termos da Língua Latina presentes na atualidade, e que passam despercebidas pelos falantes. Havia o Latim Clássico, falado pelos poetas e o Latim Vulgar, falado pela maioria das pessoas, sendo este último que originou a nossa língua.

Embora mudanças históricas e sociais ocorram, pois mudam-se costumes, e jogos de poder, embora percebamos a velocidade em que segue a globalização mundial, com aparelhos eletrônicos cada vez mais modernos e todos os dias serem lançados novos recursos para os meios de comunicação ao redor do mundo, entendemos que o combustível disso tudo é a língua, objeto antigo de estudo e que evolui de acordo com o tempo. A língua, além de ser o meio do ser humano se interar com o outro, é por meio dela também que foi possível toda a publicação que temos da história mundial e da literatura.

## 1. RELATOS SOBRE A HISTÓRIA DA LÍNGUA LATINA

O Latim era falado na cidade de Roma e na província do Lácio, no século I a.C. Estendeu-se a toda a Itália e a parte ocidental da Europa, dando origem às línguas neo-latinas: o português, o espanhol, o francês, o italiano, o romeno, o galego, o occitano, o rético, o catalão e o dalmático (este, já extinto). O Latim se espalhou com mais facilidade por ser o idioma oficial do antigo Império Romano. E, mesmos com queda deste, em 1453, o Latim continuou a ser usado como língua culta, utilizada por escritores, em documentos oficiais e tudo o que se referia à linguagem culta da época. O Latim, como a maioria dos idiomas, transformou-se de maneira dialética, com mudanças nas formas de falar e de escrever.

Historicamente, o Latim foi dividido em alguns períodos, os quais se ligam, de certa forma, à história política de Roma. Antoine Meillet (*apud* MARTINS, 2004) afirma que durante seis a oito séculos de Império Romano, do século III a.C. ao século II d.C., ou até mesmo ao século V d.C., a língua latina conservou uma aparente fixidez, mas que não correspondia à sua situação linguística real. A imobilidade aparente da forma visível escondia uma mudança radical que existia na estrutura interna da língua, resultado da evolução do latim que continuava prosseguindo, tais como: *fīcum*> port. *figo*; *sītīm*> port. *sede*; *rēte*> port. *rede*; *tērra*> port. *terra*; *lātus*> port. *lado*.

Assim que se deu a ruína do Império Romano e de sua civilização, os resultados dessa mudança se manifestaram mais rapidamente. Segundo Amini Boainain Haury (1989, *passim*), os períodos podem assim serem apresentados:

- ✓ O primeiro, o Latim pré-histórico ou época pré-histórica que se deu das origens até o século IX, e foi a língua dos primeiros habitantes do Lácio. Nesse período ainda não existiam dados escritos;
- ✓ O segundo período foi o proto-histórico, que ocorreu durante o século IX ao XII. É esse Latim que aparece nos primeiros documentos da época. E traz como exemplos algumas palavras, como: *estrata* > estrada; *conelio* > coelho; *artigulo* > artigo.
- ✓ O terceiro período, a época histórica, ocorreu do século XII em diante, subdivide-se em duas fases: a arcaica e a moderna, tendo como marco divisório o século XVI. Na fase arcaica a língua era, nos séculos XIII e XIV, o galego-português, denominação dada à expressão oral e escrita. Essa transformação da língua manifestou-se em antigos textos literários, dos poetas Nêvio, Plauto, Ênio e Catão, em epitáfios e textos legais. Inicialmente pobre, com vocabulário reduzido e estruturas morfossintáticas não determinadas. Exemplos: *manu*> port. mão; *leones*> port. leões; *canes*> port. cães.

E dessa forma, seguiu a evolução da língua em todos os aspectos, na escrita e na oralidade. Esse fato linguístico pode ser observado também na atualidade, com ocorrências que dão ao teórico/analista um grande referencial às suas pesquisas, tais como:

- ✓ As gírias: gata, para mulher bonita; mano, para chamar um colega; abacaxi, para se referir a um problema.
- ✓ As expressões populares: abaixa a bola, que quer dizer: fique calmo; abafar o caso, que quer dizer: guarde segredo, não conte para ninguém.
- ✓ As síncopes: mala> maa> ma, e modernamente: para> pra> pro; exceção> exceção.
- ✓ As aféreses: enojo> nojo; enamorar> enamorar; está> stá> tá (oralidade), e outros fenômenos linguísticos.

## 1.1 INFLUÊNCIA DO LATIM NA FORMAÇÃO DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

As línguas românicas também são chamadas de línguas latinas ou neolatinas, e fazem parte do grupo de idiomas que integram o conjunto das línguas indo-europeias que se originaram do latim, principalmente do latim vulgar. As línguas românicas faladas atualmente e mais conhecidas são: o português, o espanhol/castelhano, o italiano, o francês e o romeno.

Segundo Teyssier (2007), em regiões habitadas por pequenas populações também há idiomas derivados do latim, como em diferentes regiões da Espanha, em que o galego é falado. Este tem como dialeto, o valenciano, o aragonês, o galego, o asturiano e o leonês. Em diversas regiões da Itália são falados o lígure, o siciliano, o piemontês, o napolitano (que possuem variações dialetais, assim como o catalão) e o sardo. No sul da França, era falado o occitano (que tem como dialeto o provençal). Na Suíça, é falado o romanche. No extremo norte da França e no sul da Bélgica, também é falado dois idiomas românicos: o valão e o picardo. O dalmático, falado na antiga Dalmácia e o rético, falado na Récia, são línguas românicas atualmente extintas.

## 1.2 PRESENÇA DO LATIM NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

É grande a importância do Latim na origem e formação da Língua Portuguesa, e também no uso atual do português. O Latim tem sua presença bem marcada nos radicais de palavras atuais da Língua Portuguesa, que são usadas todos os dias pelos seus falantes. Exemplos: *agri-* que significa campo, palavra utilizada: agricultura; *óculo-* que significa olho, palavra utilizada: ocular; *sapo-* que quer dizer sabão, palavra utilizada: saponáceo; *pater-* que significa pai, palavra utilizada: paternal. Utilizamos essas e tantas outras palavras naturalmente, às vezes, sem saber que seu radical, ou o prefixo e sufixo são de origem latina. Não que isso seja necessário para se aprender a Língua Portuguesa, porém, com certeza, se o falante tivesse esse conhecimento muitas questões didático-pedagógicas ligadas ao ensino e à aprendizagem seriam elucidadas.

De acordo com estudos sociolinguísticos, um trabalho interdisciplinar pode possibilitar o conhecimento da estrutura social de um povo por intermédio da análise da sua língua, que pode ser considerada uma das ferramentas que a sociedade possui para resgatar seus fatos históricos, culturas, e linguísticos. Percebemos que o Latim está presente também em outras áreas de estudo, como: na Biologia, na Medicina, no Direito, na Filosofia, na Sociologia, na História, na Religião, na Literatura, na Escultura, na Arquitetura, na Música, no Cinema, dentre outros.

Vimos que foi em Roma que o Latim começou a perder sua posição como língua oficial e dominante, então miscigenado com o grego. Porém, com o Imperador Constantino, como gestor de Roma, na época, o Cristianismo se espalhou como religião, quando foi utilizada a língua latina como difusora dos seus ideais. Também se pode apresentar o Latim

em outra área relevante, na Literatura, já que a língua propagou-se rapidamente, o latim clássico foi utilizado pela burguesia e pelos literatos da época.

Na Biologia, Carolus Linnaeus (1755) *apud* Luciana Ferreira do Nascimento (2002) foi quem criou o sistema de nomenclatura binominal, usando o latim como peça fundamental na hora de nomear gêneros e espécies, assim como os paleontólogos e outros cientistas. É possível entender e utilizar, regular e cotidianamente, alguns nomes da nomenclatura binominal, tais como: *Homo sapiens*, *Felis catus*, *Tripanosoma cruzi*, entre outros.

No Direito, por exemplo, para muitos especialistas, o latim fornece a mais significativa contribuição, resgatando o Direito romano que se estende como ciência rígida de base na legislação brasileira. Dentre as inúmeras expressões em latim que há nessa área jurídica, citamos: *habeas corpus*, *data venia*, *animus decipiendi*, *animus ambulandi*, *animus abutendi*, e *animus confitendi*. No âmbito jurídico são expressões utilizadas até hoje, das quais grande parte dos falantes sabe o que significa, contudo, em alguns casos desconhece sua origem, desconhece que são termos que vieram do latim.

## 2. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Com as transformações acontecidas ao longo da história, Portugal foi estendendo seu território por meio de guerras patrocinadas pela Igreja Católica, contra os invasores árabes. Com a tomada de Faro, em 1249, a expansão territorial ampliou-se em direção ao sul, e, com a conquista do Algarve definiram-se os limites atuais de Portugal. Na medida em que a expansão do território português seguiu em direção ao sul, os espaços foram habitados por colonos do norte que falavam o galego-português.

O galego-português também era conhecido como galaico-português ou português antigo, e consolidou-se como língua falada e escrita da Lusitânia. A separação entre o galego e o português começou com a independência de Portugal, em 1185, efetivou-se com a expulsão dos mouros em 1249 e a derrota dos castelhanos em 1385. O galego, então, foi absorvido pelos castelhanos e o português, cada vez mais foi se tornando a língua oficial de Portugal.

As primeiras palavras portuguesas, que temos conhecimento, surgiram por volta do século IX, registradas em peças de utilidade, documentos e/ou monumentos, porém, o primeiro documento real e datado, escrito em português é o “Testamento de D. Afonso II” (século XIII). O texto é datado no ano de 1214, com data provável de 27 de junho, o qual segue transcrito:

En o nome de Deus. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal. seendo s  
ano e saluo. teñete o dia de mia morte. a saude de mia alma. e a proe de mia molier r  
aina dona Orraca. e de meus filios. e de meus  
uassalos. e de todo meu reino fiz mia mada per que de pos mia morte. mia molier e  
meus filios e meu reino. e meus uassalos. e  
todas aquelas cousas que Deus mi deu en poder. sten en paz e en folgacia. Primeira  
mente mado que meu filio infante don Sancho que ei da raina dona Orraca agia meu  
reino entregamente e en paz. e ssi este for morto sem semmel: o maior filio que ouue  
r da raina dona Orraca: agia o reino entregamente e en paz. e ssi filio barõ  
nõ ouuermos: a maior filia  
que ouuermos: agia o. e ssi no tẽpo de mia morte meu filio ou mia filia que deiuer a  
reinar nõouer reuora: segia en poder ra raina sa madre e meu reino segia en poder d  
a raina e de meus uassalos ata quando agia reuora. e ssi eu for morto: rogo ao aposto  
oligo, come padre e senior e beigio a terra ante seus péés que el receba em sa comẽd  
a. e so seu difindemẽto a raina e meus filios. e o reino. e ssi eu e a raina formos mor  
tos: rogoli e pregoli que os meus filios e o reino segia em as comẽda.  
(Disponível em: <http://faseshistoricasdalp.wordpress.com/category/ellen/portugues-arcaico/>).

Percebemos no documento diferenças na grafia das palavras, em relação ao português atual. Ao lermos essa carta é possível entendê-la em alguns pontos e ficar com dúvidas em outros, isso comprova que a língua evoluiu consideravelmente.

Segundo Maria Cristina de Assis (2011, *passim*), no início do século XV ocorreram outros fatos históricos em Portugal. Alguns acontecimentos como a crise da dinastia, a depressão econômica, o declínio das zonas rurais, e o crescimento da burguesia urbana se integram à peste, fome e guerra que destruiu a Europa. Em 14 de agosto de 1384, na Batalha de Aljubarrota, após várias passagens no comando do reino em Portugal e revolta do povo em relação a esses reinados, a população manifestou apoio ao Mestre de Avis, também conhecido como D. João I, e então ele foi aclamado o novo rei de Portugal, dando origem a uma nova dinastia. Para ajudar nessa nova dinastia era necessário que o reino se consolidasse e, para isso, foram promovidas inovações sociais e culturais em Portugal, como a criação de bibliotecas e escolas, contratações de letrados, professores e escrivães na corte e nas residências dos burgueses mais ricos da época. Foram também criadas instituições como o Mosteiro de Alcobaça e o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, que tiveram papel importante na difusão da cultura.

Em 1500, com o descobrimento do Brasil e seu consequente processo de colonização pelos portugueses. Em 1536, Fernão de Oliveira escreveu o livro “Grammatica da linguagem portuguesa” e em 1540, João de Oliveira escreveu “Gramática da Língua Portuguesa” (CASTRO, 1991, *passim*). A produção escrita foi ampliada sensivelmente, assim com a reflexão sobre a constituição da Língua Portuguesa. Todos esses fatos impulsionaram o idioma, do período clássico ao moderno, e vemos que a Língua Portuguesa no Brasil, atualmente, é um veículo interativo de mais de duzentas milhões de pessoas.

## 2.1 FATO HISTÓRICO DO IDIOMA PORTUGUÊS NO BRASIL

A Língua Portuguesa, no Brasil, traçou um longo caminho desde o início do século XVI, devido à colonização do índio e pela concorrência de outras línguas europeias, como a espanhola, a francesa e a holandesa. Efetivamente, só a partir de 1532, quando houve a implantação das capitâncias hereditárias, foi que a colonização do Brasil se iniciou de fato. A Língua Portuguesa, trazida ao Brasil pelos portugueses no século XVI, foi aos poucos adquirindo características particulares face ao português de Portugal.

De acordo com Serafim da Silva Neto (1988, *passim*), muitos estudiosos consideram que a língua falada pelos colonizadores era uma língua comum, nivelada por fatos históricos, sem predomínio de um falar regional. Segundo Teyssier (1994), ao chegarem ao Brasil, os colonos portugueses elaboraram uma *koiné*<sup>1</sup> por eliminação de todos os traços marcados dos falares portugueses do Norte e por generalização das maneiras não marcadas do Centro-Sul. Quando os portugueses chegaram ao Brasil, encontraram uma terra povoada, e esses habitantes foram denominados índios, pois os viajantes pensaram ter chegado às Índias, seu destino original. Os habitantes da terra detinham uma grande diversidade linguística, algo em torno de trezentas e cinquenta línguas diferentes. De acordo com José Honório Rodrigues:

Os tupis, habitantes do litoral, denominados genericamente de *Tupinambás*, foram os que mais conviveram com os brancos. Eles falavam principalmente o *tupi*, uma espécie de segunda língua para os não tupis. Esses últimos eram conhecidos como *Tapuias* ou *Nheengaibas* (língua ruim), denominação atribuída pelos jesuítas, que não reflete a diversidade desses povos. Eram línguas *travadas*, bem mais complexas que o tupi e conservadas por muitos deles. (1983, p. 23).

Esse contato do português com o tupi proporcionou uma sensível variação linguística nos aspectos fonéticos, morfológicos e sintáticos. Segundo Joaquim Mattoso Câmara Júnior (1977), os jesuítas, enviados pela Companhia de Jesus para catequizar os índios, procuraram aprender o tupi de uma forma mais simplificada, com o objetivo de catequizar os silvícolas. Ayron Rodrigues (*apud* ELIA, 1979) aponta para a existência de duas línguas gerais, a língua geral do Sul e a língua geral do Norte. Conforme Teyssier (1994), na segunda metade do século XVIII, houve uma situação de bilinguismo e essas línguas foram substituídas pelo português, definitivamente, e várias razões contribuíram para isso, como a chegada de numerosos imigrantes portugueses, que vieram seduzidos pela propaganda da descoberta das minas de ouro e diamantes no Brasil; o Diretório criado pelo Marquês de Pombal, em 03 de

---

<sup>1</sup>Koiné significa comum, e designa a língua única. Disponível em: <[http://www.airtonjo.com/linguas\\_biblicas02.htm](http://www.airtonjo.com/linguas_biblicas02.htm)>

maio de 1757, obrigando o uso da Língua Portuguesa e, por último, a expulsão dos jesuítas, em 1759, fato que afastou da colônia os principais protetores da língua geral. Para Bethania Mariani (2004), o processo colonizador no Brasil, realizado pelos portugueses e também pelos jesuítas, traz uma tensão constitutiva, pois, não foi de maneira simples, foi imposta uma unidade linguística. Ao contrário de Teyssier, que trata a imposição da língua pelos portugueses e pela Igreja como substituição, para Mariani (2004, p. 96), “O caso da língua portuguesa frente às línguas indígenas é o da imposição da língua do conquistador [...]”, ou seja, a Língua Portuguesa foi imposta aos conquistados pelo governo português.

Ainda, no séc. XVIII foram documentadas as primeiras alusões aos traços específicos que caracterizavam o português falado no Brasil. Teyssier (1994) aponta que em 1767, Frei Luís do Monte Carmelo (*Compendio de Orthographia*) assinala pela primeira vez um traço fonético na fala dos brasileiros, que é o de não fazerem distinção entre as pretônicas abertas ex.: pàdeiro, prègar, còrar e as fechadas, ex.: cadeira, pregar, morar. Dessa forma, registrou uma das primeiras características do português falado no Brasil.

## **2.2 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO PORTUGUÊS NO BRASIL - DIVERSIDADE GEOGRÁFICA E DIVERSIDADE CULTURAL**

Há na língua falada no Brasil uma diversidade diatópica/geográfica, e com isso os linguistas vêm tentando elaborar o mapa dos dialetos brasileiros. Teyssier cita:

A realidade, porém, é as divisões “dialetais” no Brasil são menos gráficas que socioculturais. As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra. A dialetologia brasileira será, assim, menos horizontal que vertical. (1994, p. 65). (Grifo do autor).

Como Teyssier, também percebemos a diversidade linguística sociocultural. Isso é percebido quando se encontram uma pessoa da região sul do Brasil com outra da região nordeste, e, se elas possuírem o mesmo nível cultural, a diferença no modo de falar será bem menor que uma situação de encontro entre um homem culto e um analfabeto, que se já conhecem.

O português do Brasil possui um vocabulário que se distancia do português de Portugal, por se tratar de um processo de formação e história diferentes, então, as formas oral e escrita de certas palavras são diferentes nos dois países, embora, com o “Novo Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa”, de 2008, a maioria das palavras tenham sido unificadas, e



foram eliminadas diferenças como *director, acção e óptimo* em Portugal para diretor, ação e ótimo, como já eram escritos no Brasil. De acordo com José Carlos de Azeredo (2008, p. 104), “A existência de duas ortografias oficiais da língua portuguesa, a lusitana e a brasileira, tem sido considerada como largamente prejudicial para a unidade intercontinental do português”. E então, a partir de uma iniciativa da Academia Brasileira de Letras em conjunto com a Academia das Ciências de Lisboa, com a intenção de diminuir essas diferenças, o primeiro acordo ortográfico foi aprovado em 1931. Sem muito sucesso nesse primeiro acordo, Azeredo (2008) pontua que em 1971, no Brasil, e em 1973, em Portugal algumas leis foram aplicadas que reduziram as divergências entre os dois sistemas.

Como dito, reduziram, porém, ainda persistiram sérios desacordos. Dois anos mais tarde, em 1975, ambas as Academias, de Portugal e do Brasil elaboraram um novo acordo, mas que, não foi aprovado oficialmente. Segundo Azeredo (2008, p. 24), “Em outubro de 1990, em Lisboa, visando chegar a uma solução para o impasse, tendo sido, então, firmado um pacto efetivamente”.

Segundo Azeredo (2008), em julho de 2004 foi elaborado um acordo do segundo protocolo modificativo ao acordo ortográfico da Língua Portuguesa para entrar em vigor em 2008, Lei nº 6.583, de 29 de setembro de 2008, promulgada no Brasil, e em pleno vigor, pois seu principal objetivo foi unificar a grafia da Língua Portuguesa, fato ainda questionado pelos portugueses, que a alegam sua não necessidade.

### **2.3 A EVOLUÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL E A NORMA CULTA**

Saber a língua em suas múltiplas situações de uso parece ser de fundamental importância tanto ao falante como aos profissionais que atuam na área de ensino do português, porém, segundo Mário A. Perini (2000), é indiscutivelmente o português a língua de civilização do Brasil, e é possível perceber isso ao ligar a televisão, ir até as livrarias e logo ver que a língua predominante é o português. Para Perini, existe a língua de civilização, que é a portuguesa, e a língua falada, que também é a portuguesa, mas é falada, cotidianamente, de forma diferente da norma culta gramatical, e ambas apresentam grande diferença. Para o autor, a dificuldade da expressão escrita por grande parte dos brasileiros, pode ocorrer devido a língua que falamos não ser a mesma que escrevemos e/ou lemos.

Como pontua Perini (2000, p.33), “[...] estando em um jogo de futebol com um amigo, o falante, ao pedir um binóculo emprestado, assim se manifesta: “Me empresta ele aí um minuto!”. Nesse momento (do jogo), nesse local (estádio), entre amigos, ou seja, em situação informal, é correto falar dessa forma, como sugere o autor (*ibid*, p. 33): “[...] a frase acima faz parte do repertório linguístico de todos os brasileiros, em uma palavra, é assim que nós falamos.” Se compararmos essa frase com a norma culta da língua, poderia ser: “Empreste-me um minuto”. (p. 35) E o autor cita exemplos da diferença entre as duas línguas no Brasil, a falada e a escrita. Para o autor (*ibid*, p. 35), “Na fala, a marca de plural não precisa aparecer em todos os elementos do sintagma”. Assim ouvimos sempre: “Esses menino levado” ou “Ques menino levado”, contrariando totalmente a norma culta da língua.

Com essas reflexões, Perini (2000, *passim*) chega a uma conclusão, que no Brasil a nossa língua materna é o vernáculo, então, escrevemos português e falamos o vernáculo. O vernáculo, por não ser considerada língua oficial, não ser utilizado na grande imprensa e não ter tradição literária é considerada uma língua ágrafa.

Podemos entender que o Brasil possui duas línguas: o vernáculo que é a língua materna, aprendida em casa, e o português que é aprendido nas escolas, a língua padrão, de acordo com as normas gramaticais. Ambas são muito parecidas, como pontua Perini (2000), mas, não idênticas devido às alterações linguísticas.

Para Gladstone Chaves de Melo (1971, p. 57), “[...] a Filologia Portuguesa tem sido uma ‘espécie de casa de seu Tomás’ da antiga canção carnavalesca, onde quem grita é que manda mais.”. O autor parece ficar indignado que verdadeiros mestres desse segmento sejam esquecidos e/ou colocados “[...] na turma dos que estão errados” (p.57). Consoante ao autor, também sentimos que o problema é muito mais complexo, afinal grande parte dos professores dão ouvidos somente aos gramáticos, esquecendo-se dos linguistas e filólogos. Isso não significa que sejamos contra a norma gramatical, mas sim, que os professores devem saber dividir e aplicar aos alunos as duas formas de se estudar a língua.

### **3. ENTRELAÇAMENTO ENTRE A LÍNGUA PORTUGUESA E O USO DO LATIM NA ATUALIDADE**

O latim, uma língua que atravessou o tempo e serviu de base para o surgimento de várias outras línguas e culturas, deixou marcas indeléveis no uso da Língua Portuguesa. A riqueza cultural que o Império Romano construiu não teria chegado à contemporaneidade se

não fosse pela expansão do latim e a preciosidade histórica que temos junto à literatura desde então.

Para Nelly Novaes Coelho (1980), o que se denomina Literatura Latina é o resultado de um ato criador inigualável que contará e encantará a humanidade. Os latinos inspirados na literatura dos gregos, mas sem copiar, introduziram sua literatura, para fazer parte da história. Poetas e pensadores latinos, inspirados em obras como “Ilíada” e “Odisseia” do século VI a.C., ambas de Homero, começaram a escrever sobre a vida em Roma, o cotidiano dos romanos e os feitos dos imperadores, assim, o latim se tornou um elo entre a arte falada e arte escrita.

Segundo Zélia de Almeida Cardoso (2003), o estudo de uma literatura deve ser precedido de informações coletadas sobre a época de seu surgimento, logo se torna necessário ao estudo da Literatura Latina compreender como se originou essa arte, e em que contexto sócio cultural. A Literatura de Roma estava estritamente ligada à vida social do povo da respectiva época, a literatura de Roma teve início, evolução, período de ascensão e declínio.

Celso Ferreira da Cunha (1986) comenta que a alta perfeição da prosa de Cícero e César, ou da poesia de Vergílio e Horácio, desde o século III a.C, sob a influência helênica, o latim artístico foi sendo enriquecido. Em 240 a.C a “Odisseia” foi traduzida para a língua latina por Lívio Andrônico, um grego que morava e ensinava em Roma. Isso foi um marco oficial de início para a literatura local.

Com apenas manifestações orais, em meados dos séculos VII ou VI a.C, a literatura latina começou de fato a ser apreciada. Os temas das primeiras obras de arte surgidas na literatura de Roma foi a própria história de Roma, com as histórias do povo do Lácio, das guerras, etc. Parte da transformação recorrente em Roma, ao longo dos séculos, foi registrada e documentada pela literatura. Segundo Cardoso (2003), embora saibamos que há uma tentativa de classificar as manifestações literárias por períodos ou épocas, esta é arbitrária e convencional. Logo, a história dessa literatura foi dividida em períodos e as obras produzidas em gênero.

A igreja Católica Romana foi a maior sustentadora da literatura produzida em latim desse período, devido aos escritos que eram exclusivamente religiosos. Era reduzido o público que lia as obras em latim, porque somente as pessoas de renome, da corte tinham contato com esse tipo de leitura, obviamente, também porque poucas pessoas eram alfabetizadas (CARDOSO, 2003, *pasim*).

Estudar e recordar todo esse período de literatura latina possibilita compreender cada vez mais a literatura ao longo dos anos até os dias de hoje, pois, a literatura latina serviu de

base para todas as demais. Durante a Idade Média, entre os séculos XI e XIII, surgiu um movimento cortês denominado Trovadorismo, este, segundo Massaud Moisés (2004, p. 454), foi:

Movimento poético iniciado no século XI, na Provença, e difundido pela Península Ibérica, Itália e Alemanha entre os séculos XII e XIV. O nascimento da lírica trovadoresca vincula-se às modificações dos costumes no princípio da Alta Idade Média: os senhores feudais, recolhidos nos seus castelos e fruindo os ócios que a prosperidade e a paz condicionavam, entraram a estimular as atividades culturais: par a par com o requinte social, despontava o gosto pela poesia, a música, a pintura e as artes manuais.

O Trovadorismo foi um dos períodos mais longos da história da literatura, tem como marcos as cantigas, tendo como primeira a “Cantiga da Ribeirinha”, escrita em 1189 por Paio Soares de Taveirós. Essa fase se estende até o período do Quinhentismo, em 1418. As pessoas que criavam as cantigas nessa fase eram denominadas de trovadores, e, segundo Moisés (2004), os mais conhecidos foram: Paio Soares de Taveirós, Dom Duarte e Dom Dinis.

No Trovadorismo, segundo Cristina Helena Carneiro (2006), as cantigas eram divididas em: Satíricas (Cantigas de Maldizer e Cantigas de Escárnio) e Líricas (Cantigas de Amor e Cantigas de Amigo). Nas cantigas Satíricas de Maldizer e Escárnio eram retratadas verdadeiras histórias da sociedade, da cultura popular, e hoje são documentos históricos também da política da época, principalmente da corte. Nas cantigas líricas, havia as Cantigas de Amor, em que o “eu lírico” é masculino e traz à sociedade declarações de amor para as mulheres. E, nas Cantigas de Amigo, o “eu lírico” é feminino, trazendo à tona os desabafos da mulher com as coisas ruins que lhes afetam o dia a dia.

### 3.1 GÊNEROS LITERÁRIOS

Como cita Paulo Martins (2009), ao contrário da classificação moderna de gêneros literários, inicialmente, os gêneros eram divididos em prosa e poesia, sendo assim, os gêneros podiam ser classificados pelos meios, pelos modos e pelos objetos, pautados pelo princípio da imitação (*mimesis*).

Segundo Assis (2011), o início do desenvolvimento da prosa literária foi no final do século XIV, com a “Crônica Geral de Espanha”, escrita por ordem de Afonso X, o Sábio, e o “Livro de linhagens”, de dom Pedro, conde de Barcelos. Com a escola literária galego-portuguesa extinta, a poesia palaciana surge na corte, paralelamente à prosa. De acordo com Assis (2011, p. 133), “A composição das obras em Língua Portuguesa deixa o latim limitado a tratados de filosofia, teologia ou científicos.”

No *corpus* desta pesquisa, analisamos poemas que expõem literariamente a história, a evolução da Língua Portuguesa com as alterações da norma gramatical ao longo dos anos. Quando visamos a escrever sobre gramática, sentimos que antes é preciso conceituá-la. Para João Wanderley Geraldi, é possível distinguir três conceitos correntes de se entender a expressão conjunto de regras linguísticas:

- 1) No sentido mais comum, o termo gramática designa um conjunto de regras que devem ser seguidas por aqueles que querem “falar e escrever corretamente”. Neste sentido, pois, gramática é um conjunto de regras a serem seguidas [...].;
- 2) Num segundo sentido, gramática é um conjunto de regras que um cientista dedicado ao estudo de fatos da língua encontra nos dados que analisa a partir de uma certa teoria e de um certo método. Neste caso, por gramática se entende um conjunto de leis que regem a estrutura real de enunciados realmente produzidos por falantes, regras que são utilizadas [...].;
- 3) Num terceiro sentido, a palavra gramática designa o conjunto de regras que o falante aprendeu e das quais lança mão ao falar [...]. (GERALDI, 1985, p. 31-2).

Nas análises dos poemas mostramos como o tema da língua traz à tona debates interessantes, pois ocorrem diálogos do envolvimento do eu-lírico com a comunicação, com reflexões quanto à gramática e ao uso linguístico contextual. Vemos formas polissêmicas de interpretar a norma gramatical, conforme o contexto do falante, em conformidade a suas experiências. De acordo com Ismael de Lima Coutinho (1976, p. 13), “Gramática Histórica é a ciência que estuda os fatos de uma língua, no seu desenvolvimento sucessivo, desde a origem até a época atual.”

#### 4. ANÁLISE DE POEMAS

Na Língua Portuguesa há muitos poetas que se destacaram por expressar em suas criações a evolução histórica da língua. Destacamos alguns fragmentos e os analisamos, dando-se ênfase ao nosso objeto de estudo; porém, encontram-se inteiros nos anexos finais desta pesquisa monográfica. É importante lembrar o fato de que a Língua Portuguesa veio do latim vulgar, falado pelo povo, cujo tema tem motivado os gramáticos e linguistas de todos os tempos.

##### LÍNGUA PORTUGUESA

Última flor do Lácio, inculta e bela,  
 És, a um tempo, esplendor e sepultura:  
 Ouro nativo, que na ganga impura  
 A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,

Tuba de alto clangor, lira singela,  
 Que tens o trom e o silvo da procela  
 E o arrollo da saudade e da ternura!  
 (BILAC, 1919, p.3-4)

Neste soneto de Bilac, sob o ponto de vista semântico literário, percebemos a metáfora, logo na primeira estrofe ao referir-se ao latim como “Última flor do Lácio...”, no primeiro verso. O poeta destaca a Língua Portuguesa como a última língua derivada do latim vulgar. Se é a última, o eu-lírico propõe ao leitor haver outras que a antecederam, que são o francês, o italiano, o espanhol, todas igualmente importantes. O Lácio era o lugar onde originalmente surgiu o Latim, que vai evoluir para a Língua Portuguesa. Confirmação disso ele traz no próximo verso “És, a um tempo, esplendor e sepultura.”, descreve a língua e mostra que esta é linda, radiante, cheia de boas novas, em constante evolução, mas também mostra ser “sepultura” por ser a última língua derivada do latim. Pois, com a evolução da Língua Portuguesa, o latim caiu em desuso com o passar do tempo. Bilac enfatiza a beleza e o mistério da língua na segunda estrofe, quando escreve: “Amo-te assim, desconhecida e obscura.”, mostra o quanto a língua o toca em suas diferentes formas de se apresentar. É lhe “escurecida e obscura” pois, tem nuances que somente uma análise mais profunda pode esclarecer. Faz comentários sobre sua musicalidade que soa ao ouvinte como “ternura” e desperta emoções. “Desconhecida e obscura” também sugere a sua formação, sua história, sua origem tão diversificada.

O fragmento do poema abaixo serviu de inspiração para o poema e letra de música, também intitulado “Língua Portuguesa”, de Caetano Veloso:

Gosto de sentir a minha língua roçar  
 A língua de Luís de Camões  
 Gosto de ser e de estar  
 E quero me dedicar  
 A criar confusões de prosódia  
 E uma profusão de paródias  
 Que encurtem dores  
 E furem cores como camaleões  
 Gosto do Pessoa na pessoa  
 Da rosa no Rosa  
 E sei que a poesia está para a prosa  
 Assim como o amor está para a amizade  
 E quem há de negar que esta lhe é superior  
 E quem há de negar que esta lhe é superior  
 E deixa os portugueses morrerem à míngua  
 Minha pátria é minha língua  
 Fala Mangueira  
 Fala!  
 Flor do Lácio Sambódromo  
 Lusamérica latim em pó

O que quer  
o que pode  
Esta língua  
(VELOSO, 1984)

Nesse poema, logo nos dois primeiros versos percebemos um encontro das línguas, quando o poeta se refere à língua utilizada por ele e a língua utilizada por Luís Vaz de Camões. Citação que remete o leitor à epopéia da Literatura Portuguesa: “Os Lusíadas”, sugerindo-nos uma intertextualidade exemplar. Veloso parece querer misturar a literatura da época de Camões com a contemporaneidade poética discursiva. Quando o poeta se refere às prosódias, infere à mistura de sotaques tão diferentes, existentes em nosso país. Nos versos nove e dez, quando escreve “Gosto do Pessoa na pessoa” e “Da rosa no Rosa”, o eu-lírico sugere-nos que gosta da essência poética do poeta Fernando Pessoa, ortônimo (ele mesmo) e não em seus heterônimos (Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Alberto Caeiro), e da sensibilidade poética dos versos de Noel Rosa, cantor e compositor; dois importantes autores para a literatura de Língua Portuguesa. Isso pode ser também esclarecido pela colocação dos substantivos próprios e comuns, próprios: Pessoa/Rosa e comuns: pessoa/rosa.

No verso “E deixa os portugueses morrerem à míngua” e “Minha pátria é minha língua”, Caetano Veloso exalta, além do sentimento de patriotismo pela nação, contundente consciência sobre as diferenças linguísticas dos falares do idioma português falado em Portugal e no Brasil. Saber as sutilezas da sua própria língua faz do falante um patriota. No verso “Lusamérica latim em pó”, diz que a Língua Portuguesa veio do Latim, porém, diluiu-se, expandiu-se de Portugal para a América, dando lugar à Língua Portuguesa, esta em constante evolução.

O poeta Paulo Leminski também escreveu textos, cujos versos falam da Língua Portuguesa, que, se for falada como indica a norma padrão, da Gramática Normativa, soa estranha ao próprio falante. Com o texto abaixo, intitulado “Invernáculo”, tecemos considerações.

#### INVERNÁCULO

Esta língua não é minha,  
qualquer um percebe.  
Quem sabe maldigo mentiras,  
vai ver que só minto verdades.  
Assim me falo, eu, mínima,  
quem sabe, eu sinto, mal sabe.  
Esta não é minha língua.

(Disponível no site: <http://www.revistabula.com/385-15-melhores-poemas-de-paulo-leminski/>)

O título “Invernáculo” nos remete a Mário Perini (2000), o qual diz que a língua falada no Brasil não é o português, mas o vernáculo brasileiro; falamos o vernáculo e escrevemos em português. Nesse fragmento percebemos certa inquietude e revolta do eu-lírico, reportando-se à Língua Portuguesa, ele parece querer mostrar que não nos utilizamos das normas em nosso contexto de comunicação oral, não nos expressamos na fala cotidiana de uma maneira erudita, culta. Assim como o português veio do latim vulgar, falado pelos soldados, pelos escravos, pelo povo, assim também a língua se expressa na sociedade atual, nas diferentes variações. E, que se o indivíduo procurar falar na norma gramatical, sentir-se-á um estranho em sua própria língua.

Outro autor que citamos nessa linha reflexiva é Oswald de Andrade:

PRONOMINAIS

Dê-me um cigarro  
 Diz a gramática  
 Do professor e do aluno  
 E do mulato sabido  
 Mas o bom negro e o bom branco  
 Da Nação Brasileira  
 Dizem todos os dias  
 Deixa disso camarada  
 Me dá um cigarro.

(Disponível no site: [http://pensador.uol.com.br/oswald\\_de\\_andrade\\_poemas/](http://pensador.uol.com.br/oswald_de_andrade_poemas/))

Nesses versos é claro haver certa contradição entre a norma culta da língua, a gramática normativa, e a linguagem informal, utilizada pela maioria, senão por todos os falantes em algum momento. Logo, no primeiro verso, o poeta segue a sequência semântica de acordo com a norma culta da língua, quando escreve: “Dê-me um cigarro”. No segundo verso: “Diz a gramática”, como se fosse um trocadilho daqueles: “Olha, diz que é assim!”. O autor segue complementando, escreve que a gramática que diz que a norma é assim, é “do professor e do aluno” e “do mulato sabido”. Nos versos seguintes, Andrade sugere que, na verdade, o que acontece com a sociedade, rotineiramente não é isso, pois, na comunicação cotidiana, deixa-se de lado as normas gramaticais da língua ao conversar com os amigos, e em casa com os familiares, etc., mas isso não é um problema linguístico, pois na sociedade é possível que o ser humano se permita usar da língua na forma culta ou coloquial, dependendo do contexto do momento. Ele comprova isso no último verso quando deixa de lado a ênclise para usar a próclise, fora da norma culta: “Me dá um cigarro.”.

Andrade, em outro poema, curto e bem objetivo, expõe claramente as diferenças entre a norma culta da língua e a linguagem informal:

VÍCIO DA FALA



Para dizerem milho dizem mio  
Para melhor dizem mió  
Para pior pió  
Para telha dizem teia  
Para telhado dizem teiado  
E vão fazendo telhados.

(Disponível no site: [http://pensador.uol.com.br/oswald\\_de\\_andrade\\_poemas/](http://pensador.uol.com.br/oswald_de_andrade_poemas/))

Nesses versos logo vemos uma linguagem popular, não da norma culta, e diferente ainda da linguagem informal. Nesse poema o poeta se preocupou em trazer uma linguagem mais rústica, de quem, geralmente, é criado em zona rural, distante de escolas, distante do estudo da norma culta da língua, mas, com alto poder de comunicação, pois fala conforme falam pessoas de um determinado círculo social. É fácil perceber essas diferenças nesses versos quando o poeta compara as palavras milho com “mio”, melhor com “mió”, pior com “pio”, telha com “teia”, telhado com “teiado”, e estabelece que o importante é “fazer telhados”, isto é, estabelecer comunicação. E, parece-nos claro, nesse texto, que tal forma de expressar os vocábulos pode ser semelhante ao que ocorreu na transmissão do latim pelos soldados portugueses.

## CONCLUSÃO

Neste artigo, ao refletirmos refletir sobre a história e a origem da Língua Portuguesa, sua evolução e a importância do latim desde o início até à atualidade, percebemos o quanto se equivocam quem considera o latim uma língua morta. Ao apresentar este trabalho à sociedade acadêmica, esperamos um novo olhar do leitor perante a Língua Latina, que evoluiu para a Língua Portuguesa. Entendemos que sem o latim seria impossível traçarmos e conferirmos a trajetória histórica percorrida desde a Península Ibérica, o movimento da Reconquista Cristã, como a língua foi evoluindo, para quais cidades e regiões foi se expandindo. Quando apontamos os processos de evolução da língua, sentimos a importância da história do Português no Brasil e também como foi sofrido para os habitantes daquele período de colonização. Na análise do *corpus* vimos que os fatos linguísticos e culturais se expressam também na arte literária, trazendo para o leitor esse contato.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. **Pronominais, Vício da Fala**. Disponível em: [http://pensador.uol.com.br/oswald\\_de\\_andrade\\_poemas/](http://pensador.uol.com.br/oswald_de_andrade_poemas/). Acesso em: 09/05/2014 às 20h47min.

ASSIS, Maria Cristina de. **História da Língua Portuguesa**. Disponível em: [http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/historia\\_da\\_lingua\\_portuguesa\\_1360184313.pdf](http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/historia_da_lingua_portuguesa_1360184313.pdf). Acesso em: 08/05/2014 às 23h54min.

AZEREDO, José Carlos de. **Escrevendo pela nova ortografia**. 1 ed. Rio de Janeiro: Houaiss; Publifolha, 2008.

BILAC, Olavo. **Tarde: Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000251.pdf>. Acesso em: 09/05/2014 às 15h23min.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CARDOSO, Elias de Almeida. **A formação histórica do léxico da Língua Portuguesa**. In: SILVA, Luiz Antonio da. (org.) **A língua que falamos: português – história, variação e discurso**. São Paulo: Globo, 1999.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **A Literatura latina**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CARNEIRO, Cristina Helena. **Bruxas e feiticeiras em novelas de cavalaria do ciclo arturiano: o reverso da figura feminina?** Maringá: Centro de Ciências Humanas, 2006.

CASTRO, Ivo. **Curso de História da Língua Portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

CERTEAU, Michel De. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e Linguagem**. 3.ed. São Paulo: Quíron, 1980.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 7 ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1976.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da Língua Portuguesa**. 11.ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1986.

ELIA, Silvio. **Preparação à linguística românica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1979.

Fases Históricas da Língua Portuguesa: O português arcaico: apresentação geral. **Testamento de D. Afonso**. Disponível em: <http://faseshistoricasdalp.wordpress.com/category/ellen/portugues-arcaico/>. Acesso em: 15/04/2014 às 20h32min.

FURLAN, Oswaldo Antônio. **Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula: Leitura e Produção**. 2 ed. Cascavel-PR: Assoeste Editora Educativa, 1985.

HAUY, Amini Boainain. **História da Língua Portuguesa. I – Séculos XII, XIII e XIV.** 2 ed. São Paulo: Ática, 1994 (Série Fundamentos).

LEMINSKI, Paulo. Revista Bula: **Invernáculo.** Disponível em: <http://www.revistabula.com/385-15-melhores-poemas-de-paulo-leminski/>. Acesso em 09/05/2014 às 17h54min.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico.** 4 ed. São Paulo: Editora Atlas, 1992.

MARIANI, Bethania. **Colonização linguística.** Campinas, Pontes, 2004.

MARTINS, Maria Cristina. **A língua latina: sua origem, variedades e desdobramentos.** Rio Grande do Sul: UFRGS, 2004. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/36/02.htm>. Acesso em: 05/05/2014 às 21h45min.

MARTINS, Paulo. **Literatura Latina.** 1.ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

MELO, Gladstone Chaves de. **Iniciação à Filologia e a Linguística Portuguesa.** 4 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários.** 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

NETO, Serafim da Silva. **História da Língua Portuguesa.** 5 ed. Coleção Linguagem. Rio de Janeiro: Presença/ INL, 1988.

PERINI, Mário A. **Sofrendo a Gramática.** 3 ed. São Paulo-SP, Ática, 2000.

PERISSÉ, Gabriel. **Palavras e origens: Considerações Etimológicas.** Disponível em: <http://palavrasedorigens.blogspot.com.br/>. Acesso em 22/04/2014 às 22h15min.

Regras de nomenclatura binominal: **Classificação dos seres vivos.** Disponível em: [http://classificacao-dos-seres-vivos.info/mos/view/Nomenclatura\\_Binomial/](http://classificacao-dos-seres-vivos.info/mos/view/Nomenclatura_Binomial/). Acesso em 22/04/2014 às 23h32min.

RODRIGUES, José Honório. **A vitória da Língua Portuguesa no Brasil Colonial.** In: Humanidades: vol I, 1983.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa.** Trad. de Celso Cunha. 6ª Ed. Portuguesa. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1994.

VELOSO, Caetano. **Língua Portuguesa.** Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/lingua.html>. Acesso em: 09/05/2014 às 16h13min.